

**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE
ARTE, CULTURA E HISTÓRIA
(ILAACH)**

MEDIAÇÃO CULTURAL – ARTES E LETRAS

HAITI: GUIA DE LEITURA DA MÃE DA LIBERDADE CRUCIFICADA

DADY SIMON

Foz do Iguaçu
2023

**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE
ARTE, CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

MEDIAÇÃO CULTURAL- ARTES E LETRAS

**HAITI: GUIA DE LEITURA DA MÃE DA
LIBERDADE CRUCIFICADA**

DADY SIMON

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharelado em Mediação Cultural – Artes e Letras.

Orientador: Prof. Dr. Fabio Salvatti

Foz do Iguaçu
2023

DADY SIMON

HAITI: GUIA DE LEITURA DA MÃE DA LIBERDADE CRUCIFICADA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Mediação Cultural – Artes e Letras.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Fabio Salvatti
UNILA

Prof. Dra. Maria Eta Vieira
UNILA

Prof. Dra. Rosângela Silva
UNILA

Foz do Iguaçu, 01 de novembro de 2023.

Dedico este trabalho ao meu país.

AGRADECIMENTOS

Eu quero agradecer primeiramente ao meu orientador Fabio Salvatti, pelo seu apoio nos meus estudos aqui na Unila, e também às duas professoras Maria Eta e Rosângela. Sem esquecer meus amados colegas do curso e os demais amigos da faculdade.

A arte diz o indizível; exprime o inexprimível, traduz o intraduzível.

Leonardo da Vinci

RESUMO

A obra intitulada “Haiti, a mãe da liberdade crucificada”, feita por Dady Simon no ano 2020, é um trabalho de pintura a óleo, que conversa com a trajetória de vida do artista e com um extrato da história do Haiti. Nesta obra, o artista tenta entender o seu processo migratório, que é uma das imagens figurada na obra, também é uma forma de entender a razão da sua saída do país onde passou seus primeiros 30 anos de vida. Os 10 restantes passou no Brasil, numa outra terra que ele conquistou lutando para a realização de seu sonho. Nessa obra, também é apresentado um Haiti contemporâneo, com cenas chocantes. A mulher violada na cruz transmite a realidade de vida de um povo que luta para viver como todos os outros povos, gozando de seus direitos de viver a vida tranquilamente. Outras imagens na tela pintam esse país com aspectos violentos. O contraste no casamento das cores traz uma conversa feita no silêncio. A musa surge de forma brutal, na vida migrante, na dificuldade de fazer parte de uma outra sociedade. Esta transmissão de ideias complexas é feita neste trabalho no formato de um Guia de Leitura da obra visual.

Palavras-chave: Haiti; migração; violência; desigualdade;

RESUMEN

La obra titulada “Haití, la madre de la libertad crucificada”, realizada por Dady Simon en 2020, es un óleo que habla de la trayectoria vital del artista y un extracto de la historia de Haití. En esta obra el artista intenta comprender su proceso migratorio, que es una de las imágenes que presenta la obra, es también una forma de entender el motivo de su salida del país donde pasó los primeros 30 años de su vida. Los 10 restantes los pasó aquí en Brasil, en otra tierra que conquistó luchando por hacer realidad su sueño. Esta obra también presenta un Haití contemporáneo, con escenas impactantes. La mujer violada en la cruz transmite la realidad de la vida de un pueblo que lucha por vivir como todos los demás, disfrutando de su derecho a vivir la vida en paz. Otras imágenes en pantalla pintan a este país con aspectos violentos. El contraste en el matrimonio de colores provoca una conversación en silencio. La musa aparece de manera brutal, en la vida del migrante, en la dificultad de ser parte de otra sociedad. Esta transmisión de ideas complejas se realiza en este trabajo en formato de Guía de Lectura para el trabajo visual.

Palabras clave: Haití; migración; violencia; desigualdad

ABSTRACT

The work entitled "Haiti, the mother of crucified freedom", made by Dady Simon in 2020, is an oil painting that speaks to the artist's life trajectory and an extract from the history of Haiti. In this work the artist tries to understand his migratory process, which is one of the images featured in the work. It is also a way of understanding the reason for his departure from the country where he spent the first 30 years of his life. The remaining 10 he spent here in Brazil, in another land that he conquered fighting to make his dream come true. This work also presents a contemporary Haiti, with shocking scenes. The woman raped on the cross conveys the reality of life of a people who struggle to live like all other people, enjoying their rights to live life peacefully. Other images on the screen paint this country with violent aspects. The contrast in the marriage of colors brings a conversation made in silence. The muse appears in a brutal way, in migrant life, in the difficulty of being part of another society. This transmission of complex ideas is done in this work in the format of a Reading Guide for the visual work.

Key words: Haiti; migration; violence; inequality;

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01: Haiti, a mãe da liberdade crucificada	31
Figura 02: A coroa	31
Figura 03: Hic est mater libertatis	32
Figura 04: Mãe da liberdade	33
Figura 05. Pura violência	34
Figura 06: Os bandidos legais	34
Figuras 07 e 08: Cenas reais reproduzidas na pintura	34
Figura 09: Cena real reproduzida na pintura	35
Figura 10. A fuga do povo	37
Figura 11. A desigualdade	38
Figura 12. As pombas de esperança	41

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CIEE-Centro de integração empresa-escola

OEA - Organização dos Estados Americanos

ONU - Organização das Nações Unidas

BM - Banco Mundial

MINUSTAH - Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti

RNDDH - Rede nacional de defesa dos direitos humanos

IHSI - Instituto haitiano de estatística e de informática

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	5
RESUMO	7
RESUMEN	8
ABSTRACT	9
LISTA DE ILUSTRAÇÕES	10
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	11
SUMÁRIO	12
INTRODUÇÃO	13
ENTRE A RIQUEZA EXTREMA E A POBREZA EXTREMA	14
DADY SIMON. KIYÈS LI YE? QUEM É ELE? MINHA TRAJETÓRIA	18
HAITI, A MÃE DA LIBERDADE CRUCIFICADA	31
O GRITO DA MÃE	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	45

INTRODUÇÃO

Há muitas maneiras de conversar com a sociedade. Eu, Dady Simon, um estudante haitiano de Mediação Cultural - Artes e Letras, escolhi uma forma de conversar que traz uma obra de arte pintada por mim para poder contar através de imagens sobre minha vida e meu país. O Haiti é um país com um grande povo, que lutou muito para acabar com a desigualdade e a opressão. No entanto, o país passa por momentos difíceis. “Haiti, a mãe da liberdade crucificada” é uma obra feita com meus pincéis, é a maneira que escolhi para conversar com você, meu leitor. Uso a pintura para pensar num país que viveu um passado glorioso, e que agora agoniza. A obra critica a política do mundo imperialista que colocou o Haiti neste caminho sem saída. Além da feiúra, a tela ainda mostra um país orgulhoso, que mantém sua forma e sua beleza natural. Falar sobre esse país é falar sobre a resistência de um povo que está no processo de uma revolução nova, com lutas atuais para que o povo volte a ser livre e soberano.

Evidentemente, a tela “Haiti, a mãe da liberdade crucificada” expressa um conjunto de ideias e sentimentos, sendo ela capaz de suscitar reflexões acerca dos temas abordados. Entretanto, o que pretendo neste trabalho é propor um guia de leitura, um olhar do ponto de vista da criação da obra, no qual explicito os temas e desafios que aparecem em cada fragmento dela. Para contextualizar a obra, também apresento minha trajetória de artista-migrante e todas as dificuldades que esta condição dupla me impõe.

A oportunidade de apresentar este trabalho como a conclusão de uma graduação em Mediação Cultural só está sendo possível pelo projeto representado pela Unila. Nascida em 2010, a partir da orientação do governo Lula, a Unila busca a integração da América Latina em uma cidade que já tem o hábito de abraçar visitantes de todo o mundo. Acredito que a Unila tenha trazido várias vantagens para Foz do Iguaçu. A universidade tem valorizado as diferentes culturas e povos que a constituem e frequentam, expressando a diversidade. O objetivo de trabalhar com a Mediação destas culturas era um sonho para mim, e agora estou me formando. Desde 2015 este espaço abre suas portas para meus compatriotas com o processo Pro-Haiti e, mesmo que não tenha sido fácil minha trajetória até aqui, sou muito grato pela oportunidade de estudar em uma Universidade Federal pública e de qualidade.

ENTRE A RIQUEZA EXTREMA E A POBREZA EXTREMA

Antes da conquista de 1492, a linda ilha banhada pela piscina do Caribe era habitada pelos povos indígenas taínos, siguaios, sibonei e arawak. Os habitantes chamavam a ilha de Quisqueya, cujo significado provável é “Mãe das terras ou Mãe das ilhas”. Quase todos os livros escolares ou clássicos que tratam da história do Haiti referem-se antes à interpretação do nome dado à ilha legada por autores/editores coloniais (como Fanini Hervé Lemoine, em *Kiskeya l'île mystérieuse*) Eles nos ensinam que Haiti significa “Terras Montanhosas”, ao contrário de “Terras Altas”, que é uma das possibilidades de leitura da palavra dos Taínos e Arawaks que ali habitavam. Na língua Arawak, *Ayi-ti* são duas palavras. De acordo com André Chouraqui, *Ayi* é derivado de *Aya*, *Aïa*, *Hayah*, *Ya*, *Yaya* ou *Yahou* e significa “O que foi, é e será; criador, protetor e salvador de sua criação (...). Ser infinito que paira e voa, que faz chuva e lança raios” (LEMOINE, p. 5). *Ti* em Taíno significa aquilo que é elevado, alto ou grande espírito. Chouraqui ainda propõe outro significado de Haiti: “ação realizada”. Outra possibilidade é a de que *Ayi-ti* seja “casa da deusa Aya”, já que *ti* também pode ser entendido como terra ou moradia e *Aya* é a Mãe-Terra. Outro nome que foi dado à ilha é Bohio, que significa minha morada, minha casa, minha terra. Quando as relações coloniais com a França foram dissolvidas em 1803, o líder revolucionário Jean-Jacques Dessalines¹ mudou o nome da ilha para o nome da terra sagrada para os Taínos, Haiti.

É importante ressaltar que Haiti sempre foi visto e apresentado como uma manifestação feminina, desde a cosmovisão indígena até o tempo atual, os haitianos consideram o território como um corpo feminino que cuida de seus filhos. Uma demonstração artística desta perspectiva é o trabalho da artista Gina Athena Ulysse², também professora de antropologia e de estudos afro-americanos, que realiza uma performance chamada “Boneca Vodou: E se o Haiti fosse uma mulher?” Na performance, a ênfase do corpo feminino como alegoria do país está na representação do espírito vodou de Gede, entidade que evoca a vida e a morte. Junto a esta imagem, são apresentadas estatísticas sobre o país, teorias e cantos vodou.

Dentro do contexto de libertação colonial, o Haiti foi o primeiro país do continente

¹ Jean Jacques Dessalines, nasceu escravizado em 1758 em Santo Domingo (hoje Haiti). Dessalines é considerado o pai da independência do Haiti. Ele lutou ao lado de Toussaint Louverture e proclamou a independência em 1804. Foi coroado imperador no mesmo ano e foi assassinado em 1806.

² Gina Athena Ulysse é uma artista feminista-acadêmica-ativista, originária de Pétion-Ville, Haiti. Seus trabalhos criativos incluem palavras faladas, arte performática e peças de instalação. Sua poesia apareceu em diversas revistas e coleções. Ela é autora de “Downtown Ladies: Informal Commercial Importers, a Haitian Anthropologist and Self-Making in Jamaica” e “Why Haiti Needs New Narratives: A Post-Quake Chronicle”, e é professora de Antropologia na Wesleyan University em Middletown.

americano a conquistar sua independência da metrópole europeia. O país passou a ser governado por negros africanos escravizados, resultado de uma revolução que reuniu a população negra para acabar com a opressão colonial. Esta luta começou em 1791, e foi composta por líderes mulheres e homens escravizados, curandeiras, sacerdotes e outros membros da sociedade. A batalha travada por estes revolucionários abriu os caminhos da libertação. A comemoração da independência é celebrada em 01 de janeiro de 1804, em Gonaïves, cidade da região norte do país, na qual eu nasci 179 anos depois. Apesar da independência, o Haiti tem vivido desde então uma série de dificuldades. Podemos citar, para começar, a imposição pelo governo francês de uma indenização de 150 milhões de francos, a fim de compensar os ex-colonos franceses. Esta dívida impagável condenou o país a condições precárias. Não bastasse isso, o país ainda passou por uma ocupação estadunidense, entre 1915 e 1934, e por uma ditadura militar dinástica com a família Duvalier (pai e filho, conhecidos como Papa Doc e Baby Doc), que governou o país entre 1957 e 1986. O regime democrático só seria exercido de fato pelo presidente Jean Bertrand Aristide, ex-padre católico salesiano, eleito em 1991. No entanto, sem apoio das elites e do exército, poucos meses depois de eleito ele sofreu um golpe de estado e se exilou nos Estados Unidos. Voltando ao Haiti, ele foi eleito mais uma vez em 2000. Em 2004, após uma onda de protestos, sofreu mais um golpe de estado e novamente foi obrigado a passar mais de seis anos na África do Sul. A presidência foi ocupada por Boniface Alexandre, percebido como um presidente fraco e sem legitimidade. Além de não ter tido nenhum projeto para desenvolver o país, Boniface era acompanhado pelo primeiro-ministro Gérard Latortue, um político que, devido à sua formação em francês, era incapaz de ler em créole, língua utilizada por 85% da população haitiana.

Em junho de 2004, a ONU enviou uma tropa de 9 mil funcionários através da MINUSTAH (Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti), comandada inicialmente pelo General Augusto Heleno, do exército brasileiro. A suposta “missão de paz” não mudou muita coisa no país. Ao contrário, a população ficou aterrorizada pela presença explícita de soldados armados nas ruas e pelo desfile diário de carros fortes e tanques.

As consequências das estranhas práticas dos militares na região foram a descoberta de várias doenças na população, vários casos de estupro e várias crianças nascidas sem conhecer seus pais.

As eleições seguintes ao golpe de estado foram assumidas por autoridades estrangeiras, como a OEA (Organização dos Estados Americanos), que financiou 41 dos 44 milhões de dólares gastos para a organização do processo. O pleito ocorreu em 7 de fevereiro de 2006, mobilizando cerca de 80% dos 3,5 milhões dos eleitores do país, segundo dados oficiais. René Garcia Préval venceu no primeiro turno para um segundo mandato na

presidência que terminou em 2011. Neste período, muitas decisões foram tomadas sem a participação efetiva do Haiti. O Banco Mundial organizou encontros informais em sua sede em Washington, com governantes de vários países (França, Canadá, Estados Unidos, Chile), o que demonstrou, mais uma vez, uma violação à soberania do Haiti, que se transformou em um laboratório da política internacional de Washington.

Em 12 de janeiro de 2010, um terremoto iria mudar tudo. Com 7,3 graus na escala Richter, o terremoto devastou o Haiti, matando mais de 220 mil pessoas e deixando outras 300 mil feridas. Em 200 anos, nunca havia tido um terremoto desta magnitude. As casas de mais de 1,5 milhão de pessoas foram destruídas e uma crise humanitária tremenda foi gerada.

A situação piorou com a passagem de tempestades tropicais, que causaram também muita destruição, e com a epidemia de cólera, que matou milhares de pessoas. Foram acontecimentos difíceis que marcaram um povo que já lutava para sobreviver. Estes momentos ficaram gravados na memória dos haitianos e provocaram outras realidades, dentro e fora do país.

Depois do terremoto, a história se repetiu: centenas de milhões de dólares foram doados para a reconstrução do país. O que seria motivo suficiente para trazer felicidades para o povo haitiano, já que além das belezas naturais, tínhamos infraestrutura e o renascimento da produção nacional, reduzindo a dependência completa dos produtos que vêm de fora.

Não era verdade. Os líderes estavam cuidando dos seus bolsos com o dinheiro arrecadado, em vez de cuidar do povo. Edifícios importantes como o palácio presidencial e a catedral não foram reconstruídos. A situação piorou cada vez mais e o mercado se tornou inacessível para muita gente. O crime e a violência aumentaram de fato, até o ápice com o assassinato do presidente Jovenel Moïse em 7 de julho de 2021, em sua residência.

O pesquisador Frédéric Thomas, analisando a situação política do país durante o momento de um segundo terremoto, em 14 de agosto de 2021 disse:

Após o assassinato de Jovenel Moïse, 44 pessoas foram presas, incluindo 18 mercenários colombianos e cerca de vinte pessoas da segurança haitiana. Sabemos que foram recrutados por uma agência de segurança com sede em Miami, chefiada por um venezuelano. Conhecemos as pessoas diretamente envolvidas, é sobre os patrocinadores que não vemos com muita clareza. O certo é que é o resultado de um acerto de contas dentro da oligarquia, com cumplicidade interna. Infelizmente, haverá poucas chances de descobrir muito mais. No Haiti, as investigações nunca são bem-sucedidas. (THOMAS, Frédéric. 04/09/2021, Monde, sp)

O povo haitiano conheceu muitas fases de luta e resistência em sua história para poder sobreviver em seu espaço, com poucos recursos para poder atender às suas

demandas. Viver bem é apenas um sonho para a maioria do povo. Nos últimos anos, o Haiti não conheceu um minuto de paz e conviveu com a interferência externa no modo de vida do seu povo.

O modo que encontrei para participar desta conversa histórica e política foi através da minha arte, articulando reflexão e denúncia. Neste trabalho, apresento um guia de leitura para a obra chamada “Haiti, mãe da liberdade crucificada”, uma tela de 160 cm x 298 cm, pintada por mim em 2020; uma obra que demorou três meses para ser executada, na técnica óleo sobre tela. Na pintura, busco dialogar sobre as realidades sociopolíticas que o país está enfrentando nessas últimas décadas para entender o que se passa no país, do ponto de vista de um artista haitiano e imigrante. Vivendo no Brasil há dez anos, a arte é minha forma de expressar e protestar contra as crueldades, violências, tristezas, brigas e conflitos pelos quais o Haiti segue passando e que me afetam mesmo estando longe, fisicamente.

Assim, antes de apresentar o guia de leitura do quadro, quero apresentar a minha trajetória de artista e de migrante, de modo a relacionar a discussão presente na obra com a minha vida, desde o Haiti até aqui.

DADY SIMON. KIYÈS LI YE? QUEM É ELE? MINHA TRAJETÓRIA

Eu nasci em 9 de Julho de 1983 em Gonaïves, a cidade da independência do Haiti. Nesta cidade histórica, a essência do vodu se faz presente no cotidiano.

Aos três anos de idade ingressei no jardim de infância, o que foi gratificante para a minha identidade artística pois serviu de um grande estímulo para o meu descobrimento e paixão pela arte que já existia na minha essência. Desde criança, enquanto eu estudava no jardim de infância, manipulando objetos e usando as cores para colorir o mundo e dar sentido à vida, apaixonei-me pelas cores. Os lápis de cores eram os meus brinquedos favoritos que me deixavam sempre feliz. Desde os meus três anos, eu gostava de estar nos lugares coloridos e atraentes realizando atividades de pinturas e, por essa razão, os meus cadernos eram insuficientes para cobrir o ano letivo já que, na época, eu pintava duas ou três páginas do caderno por dia.

Sem que minha professora se apercebesse, eu adiantava o processo criativo. Eu tinha muita facilidade para colorir sem estar totalmente dependente das dicas da professora e sem precisar de grandes quantidades de informações ou orientações para conseguir realizar atividades propostas em salas de aulas porque a capacidade que eu possuía de imaginar as cores e combiná-las com as imagens era maior. Nos dias em que tínhamos aulas de artes eram os dias do encontro com o meu ser, sentia-me muito à vontade a estudar tudo em volta do meu mundo interior - A arte visual. As lembranças do jardim de infância impulsionaram o meu lado artístico de uma forma extraordinária.

Quando saí do jardim, passei por uma prova para estudar o primário na escola dos freis. Por um lado, era um lugar de privilégio, pela qualidade do ensino. Por outro, era um lugar de opressão, já que o créole era proibido na escola. A prova de ingresso iniciava com um jogo colorido de quebra-cabeça do mapa do país para montar, o que felizmente fiz em pouco tempo. E o frei belga ficou muito empolgado com a minha rapidez.

Em seguida, ele me entregou um papel com um desenho quadrado intitulado “Minha Casa”. Vendo o desenho inacabado, eu acabei desenhando uma casa com telhado, portas, janelas, jardim e piscina. Enquanto eu desenhava, o frei ausentou-se da sala. Quando retornou, não acreditou que o desenho tivesse sido feito por mim, suspeitando de alguma suposta fraude. Foi uma atitude entristecedora, senti-me injustiçado e, criança que era, chorei amargamente ao ver que o frei belga não acreditava na minha capacidade de produção e acima de tudo fazia uma falsa acusação. Como a

prova era composta por dois testes, tivemos que seguir com o segundo. Desta vez, o frei examinador esteve presente desde o início até o término do teste. Após a conclusão, ele examinou minuciosamente o desenho, e foi nesse momento que se convenceu de que o primeiro teste era, de fato, de minha autoria.

Estudei nesta escola durante toda minha infância. Lá, aprendi a ler e a escrever e tive um processo de formação muito exigente, características das escolas católicas que eu frequentei durante os meus estudos primários e secundários.

Na cidade onde eu cresci, minha juventude foi marcada por milhares de atividades voltadas à arte. Eu cantava em vários corais e também fazia teatro nas escolas, montando textos que tratavam dos assuntos atuais do país. Durante o processo de aprendizagem, seja nas aulas de pintura ou de dança, a gente compartilhava um momento de muito afeto, contando histórias, dançando e pintando. As criações de peças para eventos ou feiras sempre estavam prontas para serem expostas e vendidas. A casa das freiras, onde eu trabalhava, inclusive com a arte visual, com as crianças, virou um lugar de encontro artístico. Não importava se as crianças eram órfãs ou não, todo mundo se sentia muito feliz de frequentar aquele espaço, onde a arte se expressava em várias formas, nas paredes, nos vasos, nas plantas. Os descartes eram reciclados e transformados em obras de arte para serem vendidos, na ideia de ajudar as famílias e pessoas abandonadas. A arte foi algo que fez e sempre fará parte da minha vida em várias linguagens. Meus amigos e membros da minha família me chamaram de *Magi nan tout sòs*, que se traduz em crioulo "Tempero de todos os molhos".

Desde cedo, quando se falava de arte, eu já entrava na roda para aprender, apoiar ou participar, quer dizer, para mim, ser artista não foi algo que surgiu ontem, mas algo que faz parte do meu ser, da minha vida toda. Tive uma vida desenhada com as cores que vibram o meu crescimento. Viver na arte, para mim, é viver como um peixe dentro da água, é algo muito fundamental; é estar sempre no meio artístico para criar e compartilhar conhecimentos sobre a arte em toda sua complexidade.

A arte no Haiti é marcante no dia a dia do povo haitiano. No Haiti as cores não faltam, o que torna o ambiente mais vivo. As cores brincam nas paredes servem como meios de comunicação para dialogar com a sociedade. Esses espaços ambientais são lugares onde há liberdade de expressão em toda a sua complexidade de linguagens sábias que transmitem realidades com o passado e o presente nas figuras pintadas.

No Haiti, os meios de transporte terrestres e aquáticos desempenham um papel duplo, servindo não apenas como instrumentos práticos, mas também como elementos de expressão artística. Em particular, a pintura associada a frases e/ou expressões dotadas de significados específicos tem uma presença significativa, sendo utilizada não apenas

pelos artistas, mas pela sociedade em geral. Essa prática representa uma forma de manifestação das emoções, sentimentos, protestos, desejos, represálias e até mesmo de resistência. Frequentemente, as palavras ou expressões utilizadas são impactantes, abrangendo desde provérbios até termos de natureza religiosa. No cenário haitiano, as cores desempenham um papel crucial, aquecendo o ambiente, especialmente nas praias, onde as embarcações à beira e dentro do mar proporcionam uma visão agradável tanto para os pescadores locais quanto para os turistas que exploram o país em sua totalidade, apreciando os diversos aspectos culturais expressos por meio da arte, notadamente pinturas e grafites que adornam esses objetos.

O Haiti, com seu contraste de águas cristalinas, integra-se de maneira harmoniosa às pinturas realizadas pelos artistas. Conforme destacado pela galeria Nader na capital, essa fusão contribui para projetar a história da arte no Haiti:

A história da arte haitiana remonta ao século XIX e continua a ser uma personificação significativa da arte modernista. A sua importância aumentou nas últimas décadas devido à convulsão sociopolítica e à sua evolução como meio de ativismo e uma saída para a expressão emocional sobre questões nacionais actuais. Enquanto isso, a história da arte haitiana começou a se tornar mais conhecida em 1940, quando um artista, DeWitt Peters, trocou a Califórnia pelo Haiti. Depois de estabelecer uma escola de arte e um centro de treinamento, ele descobriu vários artistas desconhecidos e os ajudou a se tornarem famosos por suas obras de arte. A arte haitiana é popular na América do Sul, Europa e Caribe e é reconhecida mundialmente. Pouco depois, em 1943, Peters começou a ensinar inglês no ensino médio como alternativa ao serviço militar durante a Segunda Guerra Mundial. Peters também tinha talento para pintura em aquarela e ficou surpreso ao saber que não havia nenhuma galeria de arte que expusesse pinturas no Haiti. Ele se imaginou abrindo uma instituição que ensinasse aos talentosos haitianos que a arte era uma forma respeitável de ganhar a vida.

A prática da pintura tem desempenhado um papel fundamental em minha vida, proporcionando uma perspectiva construtiva do conhecimento e moldando progressivamente minha abordagem em relação à arte pictórica. Este processo tem influenciado significativamente meu desenvolvimento socioeconômico, especialmente ao considerar o início da fase juvenil, quando, equivocadamente, encarei a pintura exclusivamente como um meio de subsistência financeira e fins lucrativos.

Inicialmente, a motivação equivocada levou-me a considerar a desistência da pintura. Contudo, uma obra por mim criada proporcionou uma reflexão profunda, permitindo-me compreender a frustração que estava experimentando. A partir desse momento, situei-me e percebi que a prática da pintura em minha vida é impulsionada por

motivos de prazer e amor genuíno pela arte. Tornou-se um meio de expressão que oferece um lugar e espaço de fala, uma forma de combater o silenciamento.

A partir dessa compreensão, minha abordagem à pintura durante a juventude transformou-se, afastando-se das motivações puramente financeiras. Passei a contemplar o mundo de maneira diferente, utilizando a pintura como meio de expressar o que transcorre em meu interior, explorando meu ponto de vista sobre questões como ancestralidade e desigualdade, a vida ect.

Reconheço que persistir na prática da pintura nem sempre é fácil, especialmente ao usá-la como forma de expressar opiniões em um mundo com estruturas socialmente políticas e padronizadas, onde somos frequentemente alienados. No entanto, a arte da pintura permanece intrinsecamente ligada às minhas origens, culturas e hábitos, refletindo minha identidade e originalidade.

Apreendi a valorizar meu talento como uma forma de criar uma visão única sobre as conexões interculturais. Minha abordagem não se limita à reprodução de obras, mas sim à criação de imagens que emanam de minha mente. Observo e me inspiro em imagens que, por sua vez, estimulam a criação de algo novo. A natureza, em particular, emerge como minha fonte primordial de inspiração, constituindo-se como meu refúgio favorito.

Gosto de estabelecer relações entre animais e seres humanos, uma prática presente na realidade afro-haitiana-indígena, onde convivem harmoniosamente com seres considerados sagrados, integrando-os plenamente em suas vidas.

Portanto, diversas fontes se apresentam como inspiração para a criação dos meus trabalhos artísticos, como conversas, poesias, brigas, mudanças no clima, ou a manifestação de imagens em diferentes cenários, como o céu, paredes sem pintura, solo, árvores, entre outros.

Durante a segunda metade dos meus estudos secundários, que se iniciaram em minha cidade natal e culminaram na capital, Porto Príncipe, me mantive engajado em diversas atividades, sem interromper minhas rotinas. Nesse período, retomei minha participação no coral, uma vez que nutria grande apreço pelo canto. Além disso, me envolvi ativamente nas produções teatrais do teatro nacional, participando tanto das montagens de texto quanto das celebrações patronais, com o intuito de conscientizar a comunidade por meio das mensagens transmitidas pelas performances dos atores.

A pintura também desempenhou um papel significativo enquanto estava na capital. Apesar das demandas intensas das atividades acadêmicas que consumiam meu tempo, sempre reservava um momento para me dedicar à arte, garantindo assim que minha inspiração não se perdesse nesse novo ambiente. Essa prática constante de encontrar

espaço para a expressão artística tornou-se uma parte essencial da minha vivência, enriquecendo meu relacionamento com a cultura local e proporcionando um equilíbrio valioso entre os compromissos acadêmicos e as atividades artísticas.

Durante meu ensino médio na capital, aproveitei a oportunidade para realizar trabalhos artísticos nas residências das freiras, as quais generosamente forneciam os materiais necessários para minhas criações. Trabalhava com madeira, aplicando pinturas e escrevendo letras elaboradas para embelezar os ambientes destinados a festividades, que frequentemente eram organizadas para crianças, idosos ou em celebrações próprias para comemorar a vida ou a memória de um santo.

A presença de inúmeras plantas no ambiente exercia uma forte influência inspiradora sobre mim. Essa conexão com a natureza proporciona um espaço confortável e estimulante para minha produção artística. Ao criar, estabelecia frequentemente uma relação entre minha arte e a presença vibrante das plantas ao meu redor, resultando em obras que refletiam a harmonia entre a expressão humana e a beleza natural. Essa integração entre arte e ambiente contribuía não apenas para minha inspiração, mas também para a criação de peças que transmitiam a alegria e a vitalidade presentes nos eventos celebrativos realizados pelas freiras.

Posteriormente, ingressei na faculdade na capital, onde cursei Ciências da Educação em uma instituição privada que oferecia uma variedade de disciplinas. Infelizmente, o tempo reservava mudanças significativas em meu destino, marcadas por narrativas trágicas que viriam a alterar meu percurso como artista, dando origem a novas realidades dentro do contexto migratório.

O desejo de estudar fora do Haiti sempre foi cuidadosamente planejado, uma aspiração de adquirir conhecimento além das fronteiras do meu país, embora soubesse que iria me custar os olhos da cara. Em 2008, ao buscar oportunidades de bolsas de estudo na internet, me deparei com a chance de estudar no Miami Career College. O reitor expressou interesse em apoiar minha entrada na instituição, contudo, infelizmente, essa possibilidade foi frustrada devido à necessidade de apresentar um termo de responsabilidade, para o qual, naquela ocasião, não havia alguém disponível para facilitar.

A perda dessa oportunidade de estudar nos Estados Unidos, uma experiência que teria permitido uma imersão mais completa na arte, trouxe-me inquietação. No entanto, essa contrariedade não abalou minha esperança de que novas oportunidades pudessem surgir, possibilitando a realização do sonho de estudar além das fronteiras do Haiti, uma ambição que persistia em meu coração.

No mesmo ano, eu estava prestes a iniciar o processo para estudar no Canadá. Infelizmente, a vaga que estava reservada para mim foi vendida por pessoas envolvidas na organização do processo seletivo. Fui excluído desse procedimento, acreditando que tudo ocorreria conforme planejado para superar os momentos de tristeza que me abalaram, deixando-me completamente desanimado.

Em 2010, uma significativa reviravolta teve início com o terrível terremoto que vitimou mais de 280.000 pessoas, deixando outras 300.000 feridas e aproximadamente 1.3 milhão de desabrigados que anteriormente viviam em relativa tranquilidade no país. Esse desastre resultou na perda de inúmeras vidas e deixou muitas pessoas entregues à solidão, enfrentando uma nova realidade em suas vidas naquele momento crítico.

Foi um dia de aula terrível. Enquanto eu estava no quarto andar, ocorreu uma sacudida tão intensa que me vi descendo de cabeça para baixo, com os pés para cima, como se estivesse mergulhando numa piscina. O ambiente ao meu redor se transformou em uma espécie de sanduíche, com os pisos se sobrepondo uns aos outros. Foi algo inimaginável, como estar em meio a um filme de terror indesejado. Após algum tempo, consegui sair são e salvo do buraco em que me encontrava, caminhando sobre o teto que agora tocava o chão ao deixar aquele espaço.

Aquele foi um dia que deixou uma marca profunda em mim, representando uma mudança drástica não apenas na minha vida, mas também na maneira como eu me via no ambiente universitário. O espaço que antes era associado a aprendizado e crescimento passou a carregar consigo traumas e lembranças horríveis. Cada vez que eu passava em frente à faculdade ou adentrava aquele espaço, era como se um filme de terror se projetasse, revivendo os momentos difíceis que experimentei naquele dia. Essa transformação impactou significativamente minha relação com o ambiente acadêmico, alterando a perspectiva que eu tinha anteriormente.

Depois disso, busquei me envolver em diversas atividades, atuando como tradutor para estrangeiros vindos do mundo hispânico que vieram contribuir em diferentes setores no país, como saúde, pequenas construções e projetos sociais. Além disso, desempenhei o papel de professor de francês para brasileiros no projeto da Minustha, que desembarcaram na ilha para realizar suas funções, com bons salários pagos pelo governo haitiano.

Em 2011, surgiu a oportunidade de viajar para a Espanha, onde planejava aproveitar a estadia para tentar ingressar em instituições de ensino locais.

Durante minha estadia na Espanha, aproveitei intensamente para absorver a realidade espanhola, especialmente nos aspectos artísticos. Imerso na cultura local, participei

ativamente de eventos teatrais e explorei tudo o que remetia à riqueza cultural espanhola. Essa experiência enriquecedora não apenas contribuiu para aprofundar meu entendimento da arte e cultura locais, mas também moldou minha perspectiva de mundo.

Particpei do processo seletivo na escola de teatro no centro da cidade, e fui aceito para estudar. Na lista de 70 aspirantes, eu era o único negro naquela época. Foi uma experiência muito gratificante, poder envolver-me em algo que realmente amava, algo que me fazia sentir vivo, junto a pessoas que compartilhavam a paixão por produzir e atuar no mesmo universo.

No entanto, tudo parecia passar rapidamente, quase como se fosse impulsionado pela velocidade da luz. O desafio surgiu com meu visto, que não era de estudante, dificultando a concretização do meu sonho de abraçar os estudos que almejava há muito tempo.

A escola solicitou que eu retornasse ao Haiti para solicitar um visto de estudante e, posteriormente, regressar, considerando que meu visto estava prestes a expirar. Não havia opção viável de permanecer ilegalmente no país, e a ideia de viver clandestinamente, evitando a autoridade policial, não fazia parte dos meus planos. Desde o segundo dia da minha chegada, a polícia já havia entrado em contato para verificar minha residência no local onde estava hospedado.

Diante da situação, não restou alternativa senão submeter-me às leis do país. Infelizmente, a minha má sorte aumentou quando a Espanha enfrentou crises, e circulando pelo espaço, os membros do consulado não se sentiram confortáveis em conceder-me o visto. O tempo passou como fumaça, e perdi a oportunidade de retornar aos estudos no país.

Ao retornar ao Haiti e refletir sobre as oportunidades perdidas que o tempo cruelmente me havia subtraído, mergulhei na tristeza ao perceber que a natureza havia sido injusta comigo. Senti que deixei escapar todas as boas experiências que poderia ter vivido como artista, em busca de um lugar onde me sentiria genuinamente acolhido para abraçar a arte. Desejava encontrar um ambiente onde a arte fosse verdadeiramente valorizada, contrastando com a realidade do Caribe, onde todas as formas de arte me moldaram como um artista multifacetado.

"An Ayiti nou di, lè yon pòt fèmen, gen yon fenèt ki ouvè!" Traduzindo para o português: "No Haiti, dizemos, quando uma porta se fecha, uma janela se abre." Isso significa que a oportunidade de vir para o Brasil surgiu para mim como uma única chance de recuperar o que me foi tirado. Os procedimentos para vir para cá começaram com muita determinação e fé. Desta vez, eu não me decepcionaria com o Brasil, que se tornaria o meu segundo país.

Sem receio de chegar aqui, mesmo sem um acolhimento planejado, eu confiava em um amigo que já tinha contatos no Brasil e que me ajudaria a encontrar um lugar para

descansar. Apesar da demora na compra de sua passagem, emprestei-lhe dinheiro que estava reservando para minhas despesas no Brasil, a fim de auxiliá-lo na aquisição do bilhete. Ele prometeu reembolsar-me quando começasse a trabalhar no Brasil.

Minha partida foi traumática, fui vítima de um golpe de alguém que aparentava querer me ajudar. Essa pessoa desapareceu com meu dinheiro e desligou o telefone celular justo antes da minha viagem. Parecia ser a situação mais irônica que poderia acontecer comigo, lembrando-me da fábula de La Fontaine sobre o corvo e a raposa. Mesmo diante dessa situação, dei risada, refletindo sobre minha bondade e generosidade ao querer apoiar alguém que também estava prestes a viajar para o Brasil em busca de reconstruir sua vida.

O dia da minha viagem finalmente chegou, e eu não tinha ideia de qual caminho tomar em um lugar desconhecido. Respirei fundo, repetindo para mim mesmo o adágio africano: "AKUNA MATATA", que se traduz como "Que assim seja!"

Parti do Haiti como um pássaro levado pelo vento, ou como um barco navegando pelos oceanos, deixando para trás tudo que ocupava minha mente, e que gerava medo e desconforto. Viajei como se nada tivesse acontecido comigo.

Da capital, fui para o Panamá, um ponto de trânsito que me traria até aqui. Durante o trajeto, tentei fazer amizades para descobrir quem estava indo para o Brasil, na esperança de compartilhar o destino. No entanto, as pessoas ficaram receosas de me revelar para onde estavam indo.

Ao chegar ao Brasil, em Guarulhos, o pânico retornou após o procedimento no registro de imigração. Saí, fui pegar minha mala e me questionei: "E agora, para onde vou?"

A pressão era intensa, sentia uma angústia na garganta e meu coração acelerado. Agora, enfrentava o momento crucial de não passar a noite no frio infernal do aeroporto, já que meu corpo não suportava as baixas temperaturas que faziam a água escorrer pelo meu nariz.

Busquei ajuda nos quatro pontos cardeais, procurando por um bom samaritano que pudesse me orientar a encontrar um local para descansar. De repente, encontrei dois haitianos que prometeram me ajudar. Após compartilhar minha história na grande capital de São Paulo, saímos do aeroporto e pegamos um ônibus que nos levaria até o metrô, dando início à nossa circulação pela região.

Subi no metrô tranquilamente, comecei a me sentir mais calmo, me convencendo de que tudo estava se encaminhando bem com pessoas que eu não conhecia, e que jamais imaginei que abraçariam a minha causa.

Observando os passageiros no metrô, me perguntei: onde estão os dois haitianos? Já tinham descido.

Não sabia a qual santo recorrer, meu coração batia acelerado debaixo do meu pé.

Agora me vi em apuros, conversando comigo mesmo, me sentindo abalado pela tristeza e decepção. Lágrimas marcaram sua saída pelos meus olhos pálidos, que nem conseguiam encarar as pessoas penduradas no metrô, como é comum na grande capital de São Paulo. Não sabia sequer uma palavra em português para pedir socorro enquanto o metrô avançava velozmente, eu, um pobre coitado tremendo, deixando-me levar pelo metrô.

Dois outros indivíduos que estavam no aeroporto seguiram o mesmo caminho que eu e perceberam que minha alma já não acompanhava o processo; até a morte parecia estar se esquivando de mim. Ao se aproximarem, perguntaram para onde eu estava indo e se conhecia alguém na cidade. Respondi sinceramente que eu tinha me ferrado. Eles me tranquilizaram, dizendo que não seria um problema me ajudar a encontrar um lugar para dormir.

Foi como se um anjo tivesse colocado um pouco de menta em minha garganta seca, que mal podia falar devido à falta de ar e ao desconforto causado pelo frio do lado de fora e do metrô.

Assim começou minha jornada no novo país.

Minha primeira preocupação foi o idioma, pois queria falar para me integrar à nova realidade brasileira. Não demorei muito para começar a pronunciar algumas palavras em português, participando de várias atividades que contribuíram para o meu aprendizado da língua.

Eu devorava os cartazes colados em todas as paredes e painéis de informação nas ruas, me esforçando para entender as mensagens e pronunciando tudo que capturava meu olhar. Transformei-me em uma espécie de criança curiosa, questionando tudo o que encontrava pela frente.

Esse processo começou com um intercâmbio de ensino, no qual eu ensinava espanhol a um vizinho brasileiro que trabalhava no meio hispânico e precisava atender clientes em espanhol. Nessa troca cultural no campo linguístico, eu era como um messias, e foi um processo agradável que não custava um centavo, senão o valor inestimável do idioma sempre presente em nossos compromissos.

Dessa forma, iniciei minha imersão no mundo lusófono, começando na escola de samba Mocidade Alegre, que também desempenhou um papel crucial nesse processo de aprendizagem no universo alegórico. A produção artística me ajudou a compreender como tocar e dialogar com a sociedade por meio das peças apresentadas nos desfiles, nos quais a escola alcançou o título de tricampeã.

Eu estudava português no CIEE³ durante a semana e, nos fins de semana, na ONG Adus⁴, que trabalha com temáticas migratórias. Foi um processo prazeroso de aquisição desse novo idioma. Vale ressaltar que também fui coralista da igreja da Sé, no centro da cidade, onde cantava em português e latim.

Todos esses esforços tinham como objetivo ingressar na faculdade no Brasil, o que me proporcionaria uma sensação de segurança enquanto mantinha minhas tradições haitianas no mundo lusófono. Contribuí com o idioma, traduzindo para meu povo, acompanhando-os em lugares desconhecidos para auxiliar nos trâmites no Brasil e também dando aulas.

Apesar de tentar ingressar na faculdade na grande cidade, não tive sucesso devido ao alto custo dos estudos.

Em 2015, a Unila abriu um processo chamado "Pro Haiti", no qual os haitianos no Brasil teriam a oportunidade de ingressar na faculdade e conhecer uma realidade diferente no país. Naquele momento, fiquei entusiasmado com a possibilidade de estudar na Unila, que está localizada bem distante de São Paulo, onde eu já tinha total controle sobre tudo o que estava acontecendo, como movimentos, exposições, debates e festivais culturais.

A mudança seria significativa, deixando para trás tudo o que eu havia planejado e construído naquela localidade. Eu acreditei que estivesse inscrito na Unila, pensando que meu processo estava em andamento. No entanto, isso não aconteceu devido à minha falta de conhecimento sobre a plataforma unileira para finalizar o processo e receber o comprovante que garantiria minha inscrição na faculdade.

A esperança de ingressar na Unila ainda persistia, contando com o apoio de uma ONG de São Paulo, sob a direção de Frei Davi. Esta organização proporcionou um ônibus como parte de suas atividades de militância, em conjunto com os haitianos que haviam sido selecionados para vir a Foz do Iguaçu. Diante da ausência de vagas asseguradas, um grupo resiliente optou por permanecer na cidade na esperança de garantir sua entrada na Universidade. A situação para mantermo-nos vivos na cidade tornou-se ocasionalmente mais complexa, com uma nova realidade se apresentando: a falta de emprego estável ou oportunidades temporárias, resultando em fome à nossa porta. O grupo começou a deixar a cidade.

Do grupo composto por 10 pessoas, acabei por ficar sozinho, enfrentando todas as

³ O Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE) é uma associação brasileira, de direito privado, sem fins lucrativos, beneficente de assistência social e reconhecida de utilidade pública, que, dentre vários programas, possibilita aos jovens estudantes brasileiros, uma formação integral, ingressando-os ao mercado de trabalho, por meio de treinamentos e programas de estágio e aprendizagem. Administra por ano o estágio de cerca de 200 mil estudantes, além da aprendizagem de 100 mil adolescentes e jovens.

⁴ O Instituto Adus é uma ONG que promove a integração de refugiados na sociedade brasileira desde outubro de 2010. O Adus é uma organização laica e apartidária.

adversidades para permanecer vivo e presente na cidade como um novo residente estrangeiro na tríplice fronteira. Dado o término do processo Pro-Haiti, decidi retornar a São Paulo, buscando continuar meu percurso na agitada metrópole que nunca descansa. Ao retornar, continuei a me dedicar à pintura, viajar e expor em diversos locais pela cidade, sempre mantendo a aspiração de continuar meus estudos.

Em 2017, ingressei na Faculdade Zumbi dos Palmares⁵, situada na grande São Paulo. Esta instituição de ensino superior é conhecida por abraçar a luta dos negros, proporcionando um ambiente onde diversos grupos étnicos, tanto brasileiros quanto estrangeiros, coexistem no mesmo espaço acadêmico. Iniciei meus estudos no curso de Recursos Humanos (RH) em um ambiente afro, onde fui reconhecido por muitos. Participei do coral da faculdade, no entanto, lamentavelmente, não consegui concluir o curso devido à falta de recursos financeiros para continuar pagando as mensalidades. Isso implicou em abrir mão de um ambiente já familiar, onde cultivava relações com muitos colegas.

Minha afinidade com a arte sempre me acompanhou ao longo da vida. Em qualquer local que eu esteja, transformo meu ambiente em um espaço inspirador que me impulsiona a criar e imergir em um mundo de pura expressão artística. Há muitos aspectos que não podem ser plenamente compreendidos; é preciso permitir que aconteçam, semelhantemente à minha chegada a este mundo. O talento que me foi agraciado gratuitamente é utilizado para interpretar o mundo à minha maneira através da pintura, buscando transmitir, tocar, ensinar e aprender por meio das experiências que vivencio como artista.

O sonho de estudar na Unila finalmente se concretizou em 2019, quando ingressei no curso de Mediação Cultural - Artes e Letras. Este curso harmoniza perfeitamente com a minha personalidade e identidade como artista.

Ao ingressar na Unila, deparei-me com um ambiente de encontros culturais singulares, algo que não se alcança facilmente. Essa instituição promove uma política de reunir todas as culturas num mesmo ambiente, proporcionando um espaço onde as trocas culturais acontecem de maneira contínua. Na Unila, sinto-me à vontade para expor a minha própria cultura e aprender com as diversas outras culturas que coexistem neste cenário multilíngue e multicultural.

Inúmeras histórias aconteceram neste período. Estar longe de casa não significa que minha vida seja sempre decorada com rosas. Uma das experiências que me fez refletir profundamente sobre o Haiti e o Brasil foi o momento em que enfrentei discriminação racial

⁵ O Instituto Afro Brasileiro de Ensino Superior é o mantenedor da Faculdade Zumbi dos Palmares e foi fundado em 2000 por acadêmicos, profissionais liberais, intelectuais e personalidades de diversas áreas do conhecimento. A Faculdade Zumbi dos Palmares, é uma instituição de ensino privada, sem fins lucrativos. Tem por missão a inclusão do negro no ensino superior, viabilizando a integração de negros e não negros em ambiente favorável à discussão da diversidade social, no contexto da realidade nacional e internacional.

por parte dos proprietários da casa que alugava.

Certo dia, os proprietários da casa organizaram um almoço com a família e membros da igreja que frequentavam. Na ocasião, estávamos estudando e não fomos convidados para participar. Dois dias após o evento, o senhor da casa apareceu com uma bandeja grande contendo um bolo grande. Ele cumprimentou a todos, dizendo: "Boa tarde, tudo bem? Fizemos um bolo que não deu muito certo. Vocês querem?"

Ele veio nos oferecer bolo quando estragou. Simplesmente falei pra ele que nós não comíamos bolo. Ele voltou para sua casa, pegou uma sacola e jogou o bolo fora bem diante de nós. Como negro, minhas veias já estavam pulsando de raiva, meu sangue parecia ter virado azul devido à intensidade desses eventos.

Permanecemos calmos, aguardando outra oportunidade para reagir, uma vez que eram idosos, e tínhamos receio de reagir de maneira inadequada, o que poderia resultar na morte de um deles, devido a sua condição de saúde.

Infelizmente, a pandemia chegou e, de certa forma, evidenciou que queriam nos menosprezar por sermos negros, haitianos e estudantes da Unila.

A mulher nos instruiu a usar máscaras no pátio, algo que ninguém suportaria, negando-nos o ar puro da natureza para respirar um ar abafado, respirando através de uma máscara que já estava incomodando. Nesse momento, descarregamos toda a raiva de uma vez por todas, colocando ordem nas pessoas racistas que buscam humilhar. Assim, a vida seguiu em outros contextos.

No mesmo período da pandemia, decidi viajar para o Haiti em um momento bastante desafiador para todos. A saudade da família era avassaladora, e não pude resistir à nostalgia de estar tão distante das pessoas que amo. Além disso, a lembrança das praias naturais impregnava minha mente, pois para quem não reside em cidades litorâneas, torna-se difícil renovar-se com a água do mar, que proporciona bem-estar e limpeza espiritual. Essa realidade de frequentar praias não existe em Foz do Iguaçu, onde resido. A viagem à minha terra permitiu-me reconectar com as práticas e costumes que havia perdido. A alegria era ainda maior dentro de mim, ao ficar muito próximo das pessoas que me viram crescer. Matei minha saudade sem antecipar o que me aguardava na volta.

No dia em que retornei a Foz do Iguaçu, ao girar a chave para abrir o portão, percebi que não era possível, pois o irmão da proprietária havia ocupado o espaço, modificando tudo na casa. Fiquei tão chocado que perdi minha voz naquele momento. Sem perder tempo, fui direto à casa da irmã antes de tomar qualquer medida em relação a esse ato de xenofobia e falta de respeito que estava enfrentando.

Ela me informou que o irmão havia assumido o controle de tudo e, por medo, ela não pôde impedi-lo. Chamei imediatamente a polícia para poder entrar em minha residência e

registrar o boletim de ocorrência. Quebrei o cadeado do portão para entrar na casa. Infelizmente, a residência estava vazia. Fiquei chocado ao constatar que minhas obras e pertences haviam sido removidos do local. Ao olhar para o pátio, vi um buraco na parede que dava acesso à casa da frente, para onde a maioria das minhas coisas foi levada. Sem perder tempo, fui até aquela casa recuperar o que restava. Era uma bagunça, com todas as minhas coisas jogadas no chão. Recuperei todos os itens que considerei importantes, incluindo algumas obras de arte e meus livros para reconstruir minha biblioteca, que era uma parte significativa da decoração da casa. Infelizmente, minhas fotos foram queimadas, incluindo passaporte antigo com vistos.

Na caçamba que estava em frente à minha casa, encontrei meus pertences, incluindo muitas roupas, roupas de cama e casacos queimados. Entre as coisas resgatadas, havia um pedaço de uma obra que foi para a fumaça, mas que participaria de uma nova criação minha, uma colagem com minhas chaves e restos de fotos. É uma obra que me faz lembrar do passado, já que contém fragmentos das últimas lembranças de meu pai e minha mãe, cujos rostos foram perdidos.

Foi algo terrível, perceber como o meu valor como artista foi reduzido a nada. Busquei todas as instâncias policiais na cidade para me defender, mas me disseram que já estavam cientes dos conflitos familiares relacionados a bens materiais e que pouco poderiam fazer. Um policial sugeriu que eu saísse da casa, o que me entristeceu profundamente ao perceber que o apoio que eu esperava não seria concedido.

Diante da ausência de apoio, decidi enfrentar o irmão da dona da casa, que tentava me intimidar e alegava ser o verdadeiro dono da propriedade onde eu morava. Em um episódio no mesmo ano de 2021, enquanto sua irmã estava passando pela rua para conversar comigo, ele gritou para ela: "Tira esse preto daqui". Sem hesitar, respondi sem me intimidar, afirmando que éramos ambos negros. Não cedi à sua tentativa de intimidação e continuei vivendo no espaço que transformei de acordo com minha visão, cuidando dos meus animais (galinhas e patos) e da horta que cultivo, a qual algumas pessoas ocasionalmente vêm colher os frutos.

HAITI, A MÃE DA LIBERDADE CRUCIFICADA



Figura 01: Haiti, a mãe da liberdade crucificada



Figura 02: A coroa

Por sua luta em prol da liberdade no mundo, o Haiti poderia ser considerado um símbolo universal, representando todos os povos que conheceram a opressão de alguma forma. A coroa da Estátua da Liberdade em Nova York deveria ser apresentada ao Haiti, em reconhecimento à sua bravura em erradicar a opressão infligida aos povos indígenas, africanos na América e outros povos em diferentes continentes. Embora a Estátua da Liberdade seja vista como um orgulho americano e atraia turistas de todo o mundo, questionamos o silêncio em relação ao passado glorioso do Haiti. Este país, que não recebeu nenhuma estátua em reconhecimento à sua independência e apoio a outras nações na luta contra a escravidão, mereceria ter a presença dessa grande mulher que ilumina o mundo. Essa sugestão simboliza a solidariedade global na busca por liberdade e justiça.

Essa grande estátua, inaugurada em 1886, foi um presente da França em homenagem à independência dos Estados Unidos. No entanto, o Haiti, que desempenhou um papel crucial na luta pela liberdade, não recebeu nenhum reconhecimento semelhante, e foi deixado em um vazio simbólico e vivendo um momento de abandono em termos de prestígio global. Este contraste destaca a necessidade de uma reflexão sobre a justiça histórica e a importância de reconhecer as contribuições significativas de todos os povos na busca pela liberdade e igualdade.

Essa mãe, que por muito tempo foi esquecida na história da humanidade, é representada por esse pedaço de terra chamado Haiti. Este país foi o único a liderar uma revolução de negros escravizados na história contemporânea. O Haiti lutou para se tornar o primeiro país independente das Américas, sendo a primeira república negra na história do mundo (Trouillot, 2016). A sua luta pela liberdade transcende a ideia comum, significando liberdade para todos. Trouillot destaca que o Haiti é único, diferente e especial devido à sua resiliência cultural. Este país provocou uma crise significativa no mundo ocidental.

No contexto decolonial, Walter Dignolo destaca que não há modernidade sem colonialidade. A modernidade é uma narrativa complexa de origem europeia, que celebra suas conquistas enquanto esconde o lado escuro da colonialidade. Para Dignolo, a Revolução Haitiana representa um deslocamento geográfico do conhecimento que permite uma ruptura epistemológica diante da ciência ocidental. O mundo ocidental interpretou o sucesso da Revolução Haitiana como uma ameaça, falta de respeito, um fracasso para o sistema colonial. No olhar ocidental, a Revolução Haitiana é uma história impensável; em certa medida, é como um não evento (Trouillot, 2016).



Figura 03: *Hic est mater libertatis*

"*Hic est mater libertatis*" é uma frase latina que se traduz como "Aqui está a mãe da liberdade". Este país chamado Haiti, que o mundo está ignorando, é uma nação que conseguiu cativar o mundo na questão da libertação. O país não hesitou em oferecer, de coração aberto como uma mãe, apoio a outros países que de uma forma ou de outra vivenciavam os momentos sombrios e desumanos que o Haiti havia enfrentado em uma época passada. Dizer não ao sistema de exploração era algo fácil para esse grupo de homens e mulheres valentes, que se uniram para acabar com todas as formas de dominação colonial. O mundo não seria o mesmo sem a presença dessa grande mãe que, direta ou indiretamente, influenciou muitos países a se rebelarem contra a escravidão.

Figura 04: Mãe da liberdade

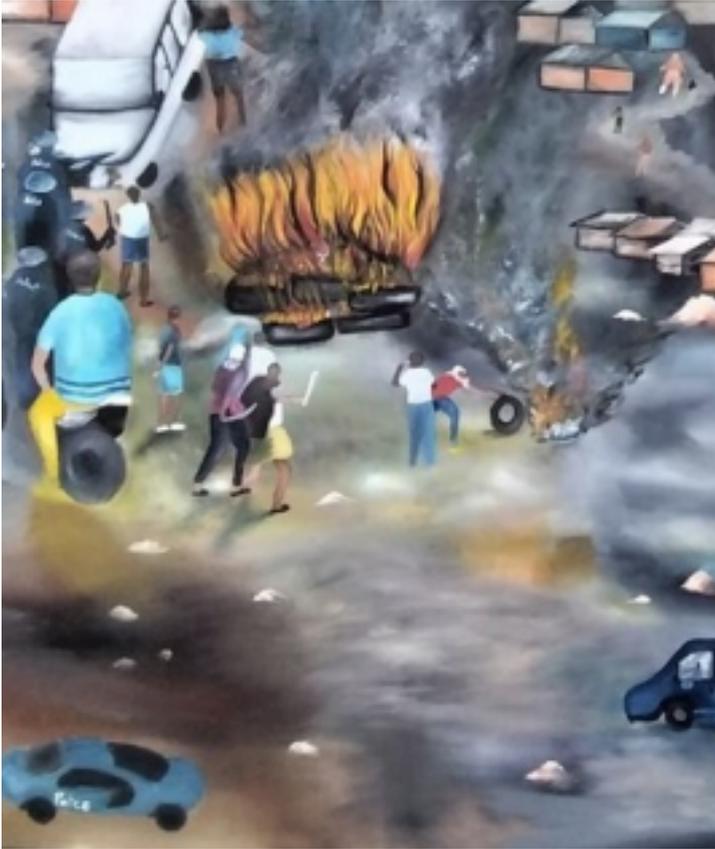


Essa imagem, que fala mais do que mil palavras, destaca uma mulher com uma pele que mescla o negro e o indígena, simbolizando a transição de um povo nativo para um povo negro, resultado da diáspora africana. Esta mulher brutalmente estuprada representa o Haiti, um país que foi exposto de maneira crua, colocado nu, sangrando, refletindo uma realidade marcada por preocupações, incertezas sobre o futuro e a dor que aflige os jovens. Nesse contexto, o Haiti enfrenta uma história semelhante à narrada na Bíblia sobre Jesus, um símbolo de salvação que sofreu na cruz. Assim, essa mulher, apesar de ter desempenhado um papel significativo na história de libertação dos negros e de outros povos, foi crucificada metaforicamente pelos abusos e exploração. Mesmo desfigurada, ela mantém sua beleza e a firmeza do corpo, pronto para ser coberto com as vestes da recuperação, reparação e reconstrução, a fim de resgatar sua antiga glória. O Haiti tem enfrentado desafios desde o início do século XIX, marcado pela profunda penetração da corrupção no tecido social, resultando em uma miséria visceral entre a população negra, contrastada com a pequena minoria mestiça no topo da hierarquia social, reflete a herança da colonização. A exploração contínua dos mais fracos pelos mais fortes perpetua uma sociedade predatória, onde a corrida pela hegemonia econômica e financeira cria tensões e rivalidades.

A corrupção floresce nesse contexto, enquanto funcionários e comerciantes competem pela maximização de lucros nesta economia jovem. "Apesar da publicidade que lhe é dedicada, a corrupção continua a ser um tema pouco estudado, provavelmente porque também é difícil de estudar. Tal dificuldade caracteriza-se sobretudo pela recolha de dados

utilizáveis, dado que a assimetria de informação e o poder discricionário dos principais atores contribuem para tornar este universo cada vez mais impenetrável".

Figura 05. Pura violência



A meu ver, o Haiti atravessou uma fase de exploração extrema que desencadeou uma série de mazelas que corroem o país de maneira gradual, tais como: injustiça, impunidade, maldade, desigualdade, demagogia, egocentrismo, violência e partidarismo.

Figura 06: Os bandidos legais



Figuras 07 e 08: Cenas reais reproduzidas na pintura



Figura 09: Cena real reproduzida na pintura



Instilar o medo nas pessoas e a migração interna no país são fenômenos extremamente cruciais que têm ocorrido nos últimos tempos. Milhares de pessoas foram compelidas a abandonar suas casas em busca de refúgio em cidades desconhecidas, visando proteger-se contra a dominação de criminosos que assolam a população.

Essa situação deixa a todos apreensivos, vivendo em um ambiente onde suas vidas podem ser ceifadas a qualquer momento.

O Haiti foi vítima de sua ousadia ao derrotar o grande exército mundial liderado por Napoleão Bonaparte, que se considerava o senhor do mundo em termos de força e dominação. Esse evento foi um dos fatores que levaram o país a enfrentar tanta miséria. Após conquistar a independência, o país foi forçado a pagar uma indenização de 150 milhões de francos para a França em 1825. Esse valor equivaleria hoje a 21 a 115 bilhões de dólares ao longo de dois séculos, até oito vezes o Produto Interno Bruto (PIB) do país em 2020, de acordo com o jornal americano New York Times (24/05/2022). Esse pedaço de terra, habitado por mulheres e homens de alma valente, derrotou Napoleão sem piedade, mas teve que pagar um preço alto para obter o reconhecimento de sua independência, uma dívida que quebrou a economia do país.

Desde então, o Haiti tem sido vítima do jogo do imperialismo global, que intervém silenciosamente na política interna do país. Há uma resistência em permitir que o país avance e se reerga para recuperar seu status como uma grande nação, que todos desejariam visitar para mergulhar em sua rica cultura e absorver as energias positivas que fluem pelo território haitiano.

Em 28 de janeiro, o presidente Jovenel Moïse explicou no jornal nacional haitiano (Le Nouvelliste 28/01/2020) que a insegurança decorre de "cérebros que acionaram um 'botão' para desencadear o recente aumento da insegurança nos últimos tempos". O ex-presidente argumentou que esses cérebros entendem "que a insegurança pode provocar a revolta do

povo contra aqueles que os lideram" e prometeu medidas rigorosas para "aqueles que estão no controle da insegurança, ou seja, os perpetradores intelectuais".

No entanto, essa insegurança é planejada pelo "laissez-faire" (deixar fazer) do seu partido, o Partido Haitiano Tèt Kale (PHTK) do ex-presidente Michel Martelly. Martelly defendeu a ascensão de "bandidos legais" no Haiti, que acabaram se tornando senhores da guerra, perdendo o controle sobre as gangues. Considerando que, para o presidente, os grupos armados em bairros desfavorecidos não são mais culpados do que os "delinquentes que vivem nas alturas de Porto Príncipe", questiona-se qual é o propósito de seu Ministério da Defesa, a existência do exército, que ele insistiu em reformar, e suas promessas de equipar a polícia para lidar com gangues. Especialmente, indaga-se por que ele não respondeu aos pedidos da ONU para investigações sobre o massacre na favela Lasaline, perpetrado por gangues em novembro de 2018, apesar de um relatório esclarecedor realizado pela missão da ONU no Haiti e pelo Gabinete do Alto Comissariado para Direitos Humanos.

No dia 30 de janeiro de 2020, a organização humanitária Médicos Sem Fronteiras anunciou que poderia suspender suas atividades em vários bairros de Porto Príncipe devido a ataques de bandidos armados contra seus funcionários e pacientes. O que é ainda mais alarmante é a indiferença e o apoio dos Estados Unidos, assim como do Canadá, a esse regime. Muitos representantes diplomáticos desses países, no entanto, compreendem o perigo, uma vez que certas agências, como a União Europeia, o principal doador do país, transferiram seu pessoal internacional desde o outono passado para os nossos vizinhos, a República Dominicana, onde estão em ambientes mais seguros, fazendo seus pedidos ali. No entanto, eles permitiram que essa situação ocorresse em uma letargia fatal.

Neste caos destrutivo, o governo haitiano planeja o próximo carnaval sobre cadáveres e os Estados Unidos exigem um calendário eleitoral. Os crimes e massacres cometidos no bairro popular de Bel Air e na favela de Saline permanecem impunes e, segundo certas organizações, como a Rede Nacional de Defesa dos Direitos Humanos (RNDDH), as gangues são utilizadas para fins políticos por um regime sustentado em comprimento do braço do lado de fora. Neste contexto, exigir a realização de eleições é um desafio.

O ditado é que os países não têm amigos, apenas interesses. Porém, tudo passa pela governança. Mas o que fazer quando esta última não existe e este caos mórbido é apoiado pela comunidade internacional? Haverá algum país amigo que realmente nos ajude a sair deste inferno onde as crianças do Haiti e todas as outras pessoas inocentes estão a ser esmagadas? O que o Canadá fará?

“A crise multifacetada que o Haiti atravessa, marcada sobretudo pela violência de

gangues organizadas, agravou-se ainda mais desde o estabelecimento do regime de sanções em outubro de 2022, que neste momento visa apenas um líder de gangue", escreve António Guterres (L'expressse, 27/09/2023).

No total, foram registrados quase 2.800 assassinatos entre outubro de 2022 e junho de 2023; quase oitenta vítimas eram menores, de acordo com o relatório. O número de sequestros para resgate, provavelmente subestimado, também aumentou: foram registrados quase 1.500 casos no último ano. Esta violência "é alimentada pelo tráfico de armas e munições", principalmente dos Estados Unidos, e "por fluxos financeiros ilícitos", denuncia o secretário-geral das Nações Unidas.

Figura 10. A fuga do povo



Migrar tornou-se um termo diretamente associado ao cotidiano dos haitianos, que vivem em um território onde a ideia de viver decentemente não condiz com a realidade do povo. De alguma forma, a esperança do povo por uma vida digna está fora do Haiti. As mentes estão moldadas pela ideia de que é impossível viver em um espaço onde os sonhos de se tornar alguém estão sendo prejudicados. Sobreviver torna-se o termo mais adequado para resumir o dia a dia de um povo que busca uma vida com poucas preocupações, focando no essencial.

Nesse contexto de inferno que o país se tornou, um jovem declarou o seguinte no Twitter: "Estou hesitando entre comprar um caixão ou um visto. Não vejo esperança: ver o sol nascer é um sonho e quando ele nasce vê-lo se pôr é uma conquista" (Twitter 24/01/2020).

Em Março de 1896, um relatório do Ministro Plenipotenciário de França em Porto Príncipe indicava que, na opinião geral, "o Haiti estava acabado, mesmo assumindo que não se tornasse propriedade dos Estados Unidos. Nenhum haitiano queria mais trabalhar, já que o trabalho levava muito tempo e dava muito trabalho. Ele só pensa em fazer política, porque é a única forma de fazer fortuna rapidamente" (Arquivo Diplomático, série 47CP, caixa n.º 39). Esta observação é sintomática de uma sociedade em perigo que é incapaz de manter e utilizar sabiamente os seus recursos e as suas forças. Mais preocupante ainda é que hoje,

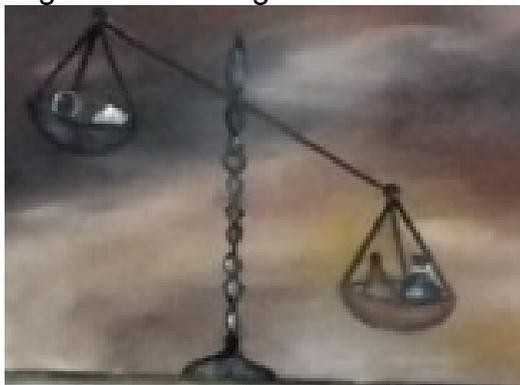
mais de um século depois, os discursos e as questões permanecem estranhamente os mesmos, a tal ponto que alguns haitianos não hesitam em pagar uma fortuna para obter um visto que lhes permita sair do país. Nas palavras retiradas de um trecho do sexto álbum do grupo de música haitiana RAM: “*Li te met Santo Domingo, Bahamas, Miami, Cuba, vann mwen yon viza*” e que se traduziria como “ir para Saint -Domingo, Bahamas, Miami ou Cuba, não importa, me venda um visto” (RAM, 2003,Música).

A questão da desigualdade social no Haiti é uma realidade que remonta aos tempos da escravidão, marcada por uma divisão racial que permeou vários aspectos socioculturais do país. Desde as plantações, esse tipo de apartheid entre os negros que trabalhavam para os colonizadores era evidente, deixando um impacto significativo na sociedade. A divisão entre os próprios negros era considerada natural pelos colonizadores, que os tratavam literalmente como escravos, reservando privilégios para aqueles que se conformavam aos padrões brancos. Mesmo entre os negros, existia uma distinção na forma de se vestir, sentar e comer, dependendo se estavam mais alinhados com os costumes dos brancos ou se trabalhavam nos campos de cana-de-açúcar, enfrentando condições adversas.

Nessa perspectiva crucial da desigualdade social no Haiti, é possível citar o livro “Haiti, Porto Príncipe: Espaço de Exclusão” de Ismane (2022, p. 241), que apresenta dados relacionados ao passado do país desde o período colonial.

Após a proclamação da independência da ilha em 1804, o Haiti herdou uma estrutura socioeconômica que, ao longo do tempo, gerou um considerável fenômeno de exclusão e desigualdade social. Nesse contexto, um dos desafios enfrentados pelo jovem estado recém-independente diz respeito à organização socioeconômica e política de uma sociedade que emergiu do período colonial e escravocrata.

Figura 11. A desigualdade



Na época colonial a estrutura social-econômica-política de São Domingos, Haiti atual foi complexa devido à sua divisão da sociedade em grupos sociais caracterizadas e ilustradas pela posse ou não dos meios de produção, principalmente terra e escravizados.

No topo da pirâmide social havia os grandes proprietários dos meios de produção, tais como administradores, políticos e comerciantes brancos. Além disso, eles possuíam as normas (SANTOS,1996) e leis, incluindo relacionadas ao chamado Código Negro de 168, em que os canais comerciais, de capitais e de meios de produção foram gerados para estabelecer e para aperfeiçoar as suas riquezas

(MOISE, 2009, apud PIERRE, 2014).

No pós-independência, os fundadores do Haiti almejavam a criação de um novo país que refletisse a comunidade imaginada por eles, para se livrar da exclusão da maioria da população e das desigualdades herdadas no momento colonial e do escravagismo franceses. Isso porque, a estrutura socioeconômica deixada pelos colonizadores do país europeu fez com que dois grupos sociais dominantes se colocaram à frente das massas dos camponeses, os quais são verdadeiros excluídos da nova sociedade em gestação no que diz respeito aos direitos políticos, econômicos e culturais, uma vez que os dois grupos sociais prevaletentes apresentavam-se por meio de dois vetores: os antigos livres e um grupo social emergente, chamado de novos livres.

Ambos os grupos os grupos representavam 5% da população haitiana em 1804, de um total de 500,000 habitantes (IHSI,1950,1971,1982,2003)

Os antigos livres (pessoas que não conheceram a escravidão na colônia) foram constituídos, principalmente por mulatos nascidos na colônia de pai branco e de mãe negra. Os mais ricos entre eles possuíam em 1789, um terço das terras e de escravizados. Eles se aliaram aos revoltosos contra os colonos absentistas em 1791 (Os que possuíam propriedades na colônia, ainda morando na França)

Com a eliminação física e a expulsão dos colonizadores do território nacional em 1804, a fortuna na forma de propriedade da terra dos antigos livres foi reforçada. Além disso, eles também dominavam o setor de comércio, possuíam riqueza e competência em termos de conhecimento, pois eles se formaram na Europa e ocuparam alto cargo no aparelho estatal instaurado na colônia entre 1697 e 1804. O grupo dominante que surgiu em 1804 é classificado como novos livres, uma segunda categoria social composta, principalmente, por ex-soldados, oficiais negros e veteranos da guerra da Libertação nacional 1791-1804.

O terceiro grupo na estrutura social haitiana, os camponeses, literalmente excluídos só existiam por causa da sua força de trabalho, sem terras, permaneciam nas *plantations* em condições análogas à da escravidão e representava quase 95% da população, e as terras confiscadas dos colonizadores franceses sofriam um processo de nacionalização. Isso é previsto na constituição imperial 83,de 1805 do imperador Jean Jacques Dessalines (1804-1806), que estipula no seu Art.12; a transferência jurídica patrimônio nacional dos bens dos colonizadores proclamando os seguintes: Qualquer propriedade que tenha pertencido anteriormente a um branco francês é incontestável e ilegalmente confiscada em benefício do Estado (HAITI,1805).

Jean Jacques Dessalines, ex-escravizado e primeiro chefe de Estado haitiano, expressava sua vontade de redistribuir as terras à massa dos camponeses. Dizia ele: "Cuidado com vocês, negros e mulatos, todos vocês lutaram contra os brancos, os bens que

todos nós adquirimos por derramar nosso sangue nos pertencem, quero que eles sejam compartilhados com a equidade" (DESSALINES,1804, s/p).

Dessaline pode ser considerado um precursor do socialismo, ao menos a nível de ethos, na América? De toda forma, querendo distribuir os bens expatriados dos colonizadores franceses foi empreendida por Dessalines uma série de medidas, por exemplo a verificação de títulos de propriedades privada da terra; que a nosso ver foi um ato decisivo na ideia de uma reforma agrária sob o governo daquele que se revoltava constantemente contra a exclusão e desigualdade que reinava na sociedade escravocrata de São Domingos no período colonial.

Na sua posse no primeiro de Janeiro de 1804, ele fez o questionamento: "E os negros, cujos pais estão na África, eles não terão nada?" Em 24 de julho de 1804, Dessalines ordenou uma verificação geral dos títulos de propriedades da terra, tentando uma reformulação da ordem estabelecida, determinando, assim, quem foram os verdadeiros donos das terras. Como resultado, essas medidas atraíram muitos inimigos oriundos dos dois principais grupos dominantes da pirâmide social haitiana pós-colonial.

As tentativas de conspiração de morte contra o vingador da raça negra e da América começaram a partir de então, tal como conhecido no imaginário haitiano.

Dessalines caiu numa emboscada e foi assassinado na entrada da capital do país, Porto Príncipe, em um lugar chamado *Pont Rouge* (ponte vermelha) que agora se tornou um lugar de homenagem à memória do mártir da resistência haitiana e defensor dos povos oprimidos na história do capitalismo. A sua morte também significa a morte do seu ideal que foi um conjunto de ideias progressistas e ações que visavam a fazer do Haiti uma grande nação.

Dessalines entendeu que no Haiti todos devem viver como pessoas em um país, onde haja justiça social. Além disso, uma das visões de Dessalines era a defesa da integridade do território nacional, o que significa que nós, haitianos, devemos determinar para o futuro do Haiti. Ele lutava por um Haiti social, econômica, política e militarmente forte.

Figura 12. As pombas de esperança



A primeira é a paz, com um pergaminho com o símbolo da paz em latim Paz é algo essencial para promover o funcionamento seguro do Haiti. Nos bairros, ninguém precisaria temer circular em seu próprio país. Esse conceito reflete o ubuntu, uma forma de vida arraigada na cultura haitiana, onde a vizinhança é considerada como uma grande família, com todos cuidando

uns dos outros sem necessidade de convocação.

A segunda é a consciência, um dos elementos primordiais para o desenvolvimento do país e do povo. Isso implica em adotar práticas sensatas e racionais que visem o bem-estar da sociedade, promovendo uma boa qualidade de vida para a população.

A terceira é o respeito mútuo, que sem dúvida é algo que toda sociedade precisa para que o seu povo conheça seus limites e seus direitos. Viver respeitando todo mundo, ou todos os seres é algo muito importante para o amor de cada um e das culturas.

A quarta é a reconciliação, aliviando os ódios acumulados, seja em relação à vida no Haiti, seja ao sistema capitalista e à desigualdade como um todo. A reconciliação será a chave do amor.

A quinta é a justiça. Dentro de uma sociedade justa, a equidade em todos os aspectos é fundamental. Viver na injustiça, onde o respeito às leis e às pessoas perde seu valor, é comparável a viver como alguém privado de oxigênio. Todos merecem desfrutar dos mesmos direitos e oportunidades que os demais estão aproveitando.

A sexta é a união. A união é essencial para realizar nossos desejos como uma grande nação. Essa palavra, que também foi crucial para alcançar a independência do país, reflete o pensamento de ajudar os outros ao nosso redor que precisam de força.

A sétima é a tolerância. Tolerar alguém é amá-lo do jeito que é e está, respeitando sua forma de pensar e agir na sociedade. A tolerância é um aspecto fundamental na convivência social, pois viver sem tolerar torna-se um peso muito grande para alcançar a tranquilidade.

Poesia 1 –

O GRITO DA MÃE

Quando apareceu a estrela do dia, levantei-me, cego em minha cama com lençóis lixados e afiados, que rasgaram minha carne como um animal abatido no abatório jateado, e quando chegou a noite, vi o sol no horizonte distante, este chama que consome a minha alma como uma brasa no meio do deserto do Magrebe.

Respirei o fedor podre devorado por necrófagos com ganância.

minhas lágrimas fluem como sangue apertando as cavidades das rochas espinhosas. Corro como um tolo, com cabelos espessos, vestido com trapos repulsivamente imundos, e o cheiro das minhas axilas cheira a natureza. Olho para estibordo e bombordo, procurando um velho samaritano que me apoie e me leve embora. em seu burro espancado abatido pelos desafios da vida.

Pobre diabo, a que santo me recorrer, meus joelhos estão danificados no Calvário a mil passos, e que as cobras me injetem seus venenos mortais, para que todos os olhares se voltem para mim!

Que meus filhos, minhas filhas, meus vizinhos parem de me amassar como farinha molhada para fazer massa.

Chegou a hora, soou o toque e a concha para que eu finalmente possa recuperar o frescor perdido por tantos anos.

Que os coqueiros sirvam de leque em minha entrada triunfal, que todas as flores façam cócegas em minhas narinas, que todos os óleos essenciais sirvam de aromáticos para perfumar meu corpo e embelezar minha alma, então todos conhecerão a grandeza de minha beleza quando todos os meus filhos se tornarão mais conscientes participando ativamente na sociedade, esta pérola rara do Caribe brilhará como antigamente!

Poesia de Dady Simon

2019 Foz do Iguaçu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Gostaria de dedicar um momento para expressar minha gratidão aos meus pais, que lutaram para fazer de mim um homem cosmopolita, um cidadão do mundo. Desde o Haiti até o Brasil, minha jornada foi profundamente enraizada na realidade da minha identidade como imigrante, alguém que não temeu deixar sua terra natal em busca dos seus sonhos. Esses sonhos agora fazem parte da essência da minha vida aqui, como um homem cuja experiência de Mediação Cultural tem sido uma presença constante ao longo dos anos.

Ao longo do meu processo de vida fora do âmbito haitiano, tenho amadurecido e refletido sobre as conquistas, conhecimentos e amizades que adquiri. Às vezes, nos queixamos da vida sem dedicar um momento para agradecer por essas aquisições valiosas. Agradeço às pessoas que entraram em minha vida, trazendo consigo um toque de felicidade que contribuiu para o meu crescimento como ser humano comprometido em aprimorar a própria existência.

Nesses últimos anos aqui no Brasil, por meio dos estudos de mediação cultural, meus olhos foram abertos para diversas culturas e pessoas que trouxeram e compartilharam seus conhecimentos comigo. A cada encontro, aprendi algo novo que agora faz parte do meu repertório cultural.

Apreciar as culturas e os povos não é algo que surgiu recentemente, mas algo intrínseco a mim, um desejo de abraçar todas as culturas diferentes que, de certa forma, transmitem narrativas únicas por meio de seus costumes, comidas, danças e modos de pensar.

A UNILA é uma instituição onde escrevi, com letras amargas e doces, o meu percurso acadêmico. O deslocamento para estudar em um ambiente de pluriculturalidade tornou-se uma experiência valiosa para mim. Desde o Haiti, sempre apreciei ensinar meus idiomas aos que visitavam a ilha caribenha, assim como aprender com aqueles que chegavam falando línguas distintas da minha.

Na UNILA, também tive a oportunidade de aproveitar ao máximo todas as oportunidades para estudar fora do meu país. Ao longo desses quatro anos de desafios, vivenciei belas e difíceis histórias que enriqueceram minha jornada. Na UNILA, além dos estudos, participei de diversas atividades de ensino e exposições, integrando-me ao processo acadêmico. Isso porque, na faculdade, cada pessoa traz consigo sua história, conhecimento e o desejo de se aproximar dos outros para trocar experiências culturais. Aprender a comer como o outro, falar como o outro e dançar como o outro são experiências que enriquecem nossa convivência em uma faculdade multilíngue, repleta de diversidade

cultural.

Aprendi com todos, sem escolher classe, cores ou nacionalidade para me aproximar, mas sim com todos que se abriram para compartilhar culturas comigo e que estavam dispostos a aprender comigo.

Para os professores, tiro meu chapéu. São pessoas preparadas para compreender e acompanhar o processo e o desempenho de cada aluno que enfrenta seus limites de criação e aprendizagem. Os professores se colocam no lugar do outro para poder acompanhá-los, sem se posicionar como superiores ou ditadores durante a transmissão de conhecimentos. Todos os meus professores são meus amigos. Contar nossas histórias não é uma tarefa fácil, especialmente ao compartilhá-las com quem não as conhece muito bem.

Meu tempo nesse lugar foi muito gratificante, graças ao apoio de todos que se ofereceram para ajudar, tanto professores quanto alunos.

Eu cumprimento todos os dias, desde as equipes de segurança até as mulheres que cuidam dos nossos banheiros. Para mim, não há distinção entre alunos, professores e pessoas da equipe de limpeza. Meu "bom dia" é igual para todos, pois não vejo como ser um mediador que quer abraçar alguns e rejeitar outros.

Por isso, expresso meu agradecimento por todo o tempo que passei aqui com todos que entraram na minha vida e tornaram o Dady um grande mediador. Gosto de aprender com todos. No entanto, minhas palavras são poucas, minha voz é insuficiente para expressar toda a gratidão que sinto por tudo.

Ser Unileiro em Foz do Iguaçu não é algo fácil, enfrentamos preconceitos, barreiras e tratamentos ruins de algumas pessoas na cidade. Vencer esses momentos, mesmo sendo chamado de "preto feio" na rua, é o que devemos fazer, mas sabemos o motivo de nossa presença aqui: estamos aqui para sermos quem queremos ser na vida.

Simplesmente, eu queria dizer que aqui, longe de nossas famílias, na faculdade criamos um ambiente fraternal para apoiar aqueles que são mais vulneráveis e que talvez precisem de um conselho para sobreviver nesta cidade. Superamos juntos as nossas dificuldades, e este momento não teria sentido sem o apoio de cada um nessa luta.

Viva a UNILA!

REFERÊNCIAS

- ALPHONSE, Roberson. "Des cerveaux alimentent l'insécurité pour provoquer un soulèvement populaire contre les autorités, selon le président Moïse" Le Nouvelliste. 28/01/2020. Disponível em https://lenouvelliste.com/article/211689/des-cerveaux-alimententlinsecurite-pour-provoquer-un-soulevement-populaire-contre-les-autorites-selon-le-president-moise#google_vignette Acesso em 07/10/2023.
- TROUILLOT, Michel-Rolph. Silenciando o passado: poder e a produção da história. Curitiba: huya, 2016.
- DESROSIER, Ismane. Haiti, Porto Príncipe espaço de exclusão. Curitiba: Appris, 2022
- OXFAM INTERNATIONAL. "Séisme en Haïti: retour sur notre action". s/d. Disponível em <https://www.oxfam.org/fr/seisme-en-haiti-retour-sur-notre-action> Acesso em 31/07/2023
- Center for the book , disponível em:
<https://ctcenterforthebook.org/ct-authors/ulyse-gina-athena/>
Acesso:em 11/08/2023
- ADUS. disponível em:
<https://adus.org.br/o-adus/sobre-o-adus/>
Acesso em:10/09/2023
- Caraibes Antilles. Disponível em:
<http://pythacli.chez-alice.fr/civilisations/precolombienne.htm> Acesso em :20/06/2023
- Kiskeya l'île mystérieuse
Disponível:
<https://ile-en-ile.org/kiskeya-fanini-lemoine/>.
Acesso em:24/06/2023
- Le séisme en Haiti détourne l'attention de la crise politique
Disponível em: <https://www.radiofrance.fr/franceculture/podcasts/les-enjeux-internationaux/le-seisme-en-haiti-detourne-l-attention-de-la-crise-politique-9009091> Acesso em:27/07/2023
- CIEE(centro de integração empresa -escola) disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Centro_de_Integra%C3%A7%C3%A3o_Empresa-Escola
Acesso em: 7/10/2023
- Mémoire, esclavage.
Disponível em:
<https://memoire-esclavage.org/biographies/jean-jacques-dessalines>
Acesso em:05/10/2023

Galeria Nader

Disponível em:

<https://www.naderhaitianart.com/fr/blogs/news/haitian-art-a-brief-history-on-the-role-and-origin-of-haitian-painting#:~:text=L'un%20des%20premiers%20artistes.cr%C3%A9er%20ses%20%C5%93uvres%20d'art>. Acesso em: 05/11/2023

Violência e corrupção se agravam ainda mais no Haiti, alerta ONU .disponível em:

<https://www.cartacapital.com.br/mundo/violencia-e-corrupcao-se-agravaram-ainda-mais-no-haiti-alerta-onu/>

Acesso em: 03/10/2023

O preço pago pelo Haiti à França. Disponível em:

https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2022/05/24/interna_internacional,1368631/o-preco-pago-pelo-haiti-a-franca-para-garantir-sua-independencia.shtml

Acesso em: 10/11/2023

Haiti, la situation de crise face aux violences à l'impunité et à la corruption. Disponível em:

https://www.lemonde.fr/international/article/2023/09/27/haiti-la-situation-de-crise-face-aux-violences-a-l-impunite-et-la-corrupcion-s-est-encore-aggravee-selon-l-onu_6191315_3210.html

Acesso em: 10/08/2023

Estatua da liberdade, disponível em:

<https://brasilecola.uol.com.br/curiosidades/estatua-da-liberdade.htm>

Acesso em: 13/11/2023